

COMUNIDADES VIRTUAIS COMO AMBIENTES DE APRENDIZAGEM: ADOÇÃO E HOMOAFETIVIDADE EM DEBATE

Lícia Lara Dantas Barros¹ e Luiz Adolfo de Andrade²

Resumo: Orkut e Facebook. A hipótese sustenta que estes grupos tendem a figurar como ferramentas que contribuem para disseminação de conhecimento, usando como base a noção de comunidade virtual. Para desenvolver a discussão, serão considerados dois grupos ligados à adoção e maternidade homoafetiva nessas duas páginas da web e a partir daí serão levantados conceitos sobre cibercultura e comunidades virtuais, concebendo assim, nesse universo, as possibilidades e consequências na aprendizagem, troca de informações e experiências que são possibilidades pelas plataformas virtuais nessas duas temáticas.

Palavras chave: cibercultura; comunidades virtuais, aprendizagem

1. Introdução

Nos início dos anos noventa, Howard Rheingold percebeu que o ciberespaço oferecia um potencial singular para criação de coletividades que, pensadas à luz da antropologia, foram concebidas como *comunidades virtuais*. Esses grupos, segundo Rheingold, se distanciavam das comunidades tradicionais, objeto de estudos da antropologia, especialmente por serem criados entorno de uma comunhão temática e não de laços geográficos. O presente trabalho busca investigar o potencial do computador para estabelecer vínculos sócio-afetivos a partir de um ideal, objetivo ou gosto em comum. Para desenvolver nossa discussão, nos debruçamos no estudo de casos de comunidades virtuais vinculadas à maternidade homoafetiva e à adoção, constituindo como enfoque principal, as discussões e laços permitidos e criados nessas comunidades.

Nossa hipótese sustenta que, justamente por serem amarrados com base em uma comunhão temática, estes grupos corroboram a noção de comunidade virtual contribuindo para sustentar o argumento de que ambientes virtuais são ferramentas que contribuem para a disseminação do conhecimento. Para desenvolver a discussão, apresentamos o conceito de comunidade virtual à lume dos trabalhos de Rheingold (1993), Lévy (1999) e Lemos (2002). Em seguida, relacionamos os conceitos de cibercultura e ciberespaço, para relativizar as formas de expressão percebidas nas coletividades que compõe nosso estudo de caso, relacionadas à temática da adoção e maternidade homoafetiva.

¹ Graduanda do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: licialara@gmail.com

² Doutor em comunicação e cultura contemporânea (cibercultura) pela UFBA. Professor do curso de jornalismo em múltiplos meios da UNEB. Contato: laandrade@uneb.br

As comunidades virtuais trazem em sua essência temas reais e, por isso, agem na realidade a partir do ciberespaço, utilizando plataformas fundamentadas em torno de uma temática em comum (Lévy,1999). A discussão em torno das comunidades virtuais, atualmente, torna-se essencial para a compreensão da cibercultura, especialmente grupos que se formam em torno da cultura popular, como a música (Sá, 2006), games (Andrade, 2007), dentre outras temáticas.

Neste trabalho, analisamos comunidades presentes no *Facebook* e no Orkut, devido ao número expressivo de internautas brasileiros nessas plataformas, mesmo o Orkut estando, atualmente, em crescente desuso. De acordo com a *Socialbakers* (empresa de estatísticas sobre mídias), o Brasil foi o país que mais cresceu em número de usuários do *Facebook* em 2012, alcançando o número de 29,7 milhões de pessoas conectadas à página da web. Os temas ligados à maternidade e à adoção foram escolhidos por estarem relacionados às pesquisas de observação participativa em comunidades que discutem esses temas. De forma que as coletividades analisadas possuem expressiva participação de seus membros e um vínculo legítimo ao conceito de comunidade virtual.

2. Cibercultura e Ciberespaço

A origem da cibercultura remonta ao surgimento da microinformática por volta de 1970. Para André Lemos (2004), a formação da microinformática “deve-se ao desenvolvimento de domínios científicos”, como a cibernética, a inteligência artificial, a teoria da auto-organização e de sistemas, a tecnologia de comunicação de massa e a telemática em 1950. Consideramos a telemática como fundamental nessa construção por sua capacidade de reunir a telecomunicação e a informática, conectando diferentes mídias digitais com os sistemas de telecomunicações. Dentro da história da cibercultura, também se destaca; a rede mundial de computadores (internet) e a *web*, sua ferramenta de conteúdo. Surgindo a internet no fim da década de 60 com a ARPANET – inaugurada pela agência americana ARPA – e a *web* em 1991; com o serviço de internet concebido por Tim Berns-Lee, o qual se tornou a principal ferramenta para usar os potenciais de acesso e comunicação da internet.

André Lemos coloca que além dos domínios científicos fundamentais no surgimento da cibercultura, a democratização do acesso à informação possibilitada pela microinformática foi fundamental no estabelecimento do conceito de cibercultura. Na ótica do autor, a cibercultura se caracteriza pela formação de uma sociedade estruturada

através do modelo de conectividade telemática generalizada e o maior acesso à internet através dos computadores contribuiu para essa nova cultura.

O conceito de ciberespaço aparece em 1984, no livro *Neuromancer* de William Gibson na forma de mobilidade geográfica do mundo “real” para o virtual.

Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos em todas as nações, por crianças a quem estão ensinando conceitos matemáticos. Uma representação gráfica de dados abstraídos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas que abrangem o universo não – espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como luzes de cidade, retrocedendo (...) (GIBSON, 1984, p. 53).

Na visão de Gibson, o ciberespaço aparece em uma confusão de elementos gráficos e que parecem conduzir para um futuro não tão otimista quanto aos avanços da informática. Entretanto, nos dias de hoje, o termo é usado para denominar uma combinação de redes e ambientes, os quais conectam computadores e dados informacionais em todo o mundo. O ciberespaço aparece como uma renovação da comunicação mundial, possibilitando acesso e trocas rápidas por todos os cantos do mundo, além de novas relações econômicas, diplomáticas, ideológicas e trabalhistas.

Posteriormente, Pierre Lévy (1999) concebe o ciberespaço como “um vetor de um universo aberto”. Conceito este, relacionado ao fato do ciberespaço ser o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Assim, o ciberespaço é entendido como um espaço real, o qual possibilita a troca de informações e saberes, permitindo o acesso à distância de forma imediata. Bastando que alguém ou algo esteja disponível em algum lugar do ciberespaço para que seja efetuada a transferência de dados, informações ou telememórias. Com base nesta breve discussão, chegamos a uma abordagem de como se dão essas relações nas comunidades virtuais aqui analisadas e como essas relações virtuais estão conectadas ou mesmo fazem parte do contexto real desses indivíduos.

3. As Comunidades Virtuais

O termo “comunidade virtual” foi proposto de forma pioneira por Howard Rheingold (1993), trazendo os primeiros estudos a respeito dos vínculos estabelecidos através da mediação de um computador, contribuindo para uma definição tanto em

aspecto cultural como na de definir essas relações em torno de um assunto/interesse em comum, independente do espaço geográfico.

A maioria dos casos consiste em usuários separados geograficamente, muitas vezes reunidos em pequenos bandos e trabalhando de forma individual. São pessoas não de uma mesma localidade, mas que apresentam interesses em comum (...) CMC é um modo de encontrar pessoas, as quais você pode se associar em um patamar próximo ao nível percebido em uma comunidade (...), entretanto, você pode conhecer pessoas que jamais encontrou no plano físico (...) em uma comunidade virtual, nós podemos ir diretamente onde nossos temas favoritos são discutidos e buscar informação com pessoas com as quais compartilhamos nossos interesses ou que usam palavras de um modo que achamos atrativo. (Rheingold, 1993, p. 08-11)

Howard Rheingold nos mostra que comunidades virtuais não estão limitadas geograficamente, como as comunidades da antropologia clássica, onde os vínculos afetivos são criados com base em algum interesse ou objetivo em comum, de forma que, os participantes se sintam “parte” daquele grupo de forma tanto intelectual como cultural. É como encontrar um lugar cheio de indivíduos que discutam, pensem ou busquem as mesmas coisas que você sobre determinado assunto. Essa localidade ao invés de estar situada em alguma cidade ou bairro em específico, se encontra dentro de algum fórum, tópico, grupo virtual ou demais espaços permitidos com a web, permitindo a identificação e a interligação desses membros.

Ainda segundo Rheingold, “as comunidades virtuais são agregações sociais que emergem da ‘Rede’” – entendendo como rede, segundo Manuel Castells (1999), estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos pontos desde que consigam comunicar-se dentro dessa rede - quando existe um número suficiente de pessoas, em discussões suficientemente longas, com suficientes [emoções humanas](#), para formar teias de relações pessoais em [ambientes virtuais](#), alterando de algum modo o “[Eu](#)” dos que nele participam. Dessa forma, o autor quer demonstrar a eficiência real do pensar coletivamente dentro do ciberespaço, demonstrando a adição que é a comunidade virtual para as afinidades fora da mediação de uma ferramenta da web, existindo, para isso, uma nova forma de ligação entre essas interações, o ciberespaço.

Outro conceito abordado pelo autor é o de que entre os membros das comunidades virtuais, estabelece-se uma espécie de *contrato social* entre os participantes. Contrato

este que denota um sistema de reciprocidade e cooperação mútuas dentro da comunidade. Essa relação, Rheingold traz como um *Gift Economy*, ou seja, como algo semelhante a um regime de trocas entre os participantes, existindo posições de respeito por conhecimento maior em determinado assunto por alguns membros ou por fidelidade ao grupo, como o caso de pessoas que se dedicam a buscar conteúdos e postar periodicamente na comunidade, como também, por laço afetivo ou ainda por comparação. Essa relação de reciprocidade foi observada de forma acentuada dentro dos estudos de caso, visto que na comunidade (I)³, do *Orkut*, existem membros que detêm maior conhecimento sobre questões legais sobre adoção, como de práticas também, por terem mais experiência no assunto, e passam a possuir considerável prestígio perante os outros membros. Já na comunidade (II)⁴, do *Facebook*, verificam-se mais relações de admiração em torno da afetividade, tanto pelos encontros presenciais que a comunidade promove, como por estar baseada em histórias de superação. Existindo, na maior parte do tempo, admiração maior do grupo pelos membros que possuem casamentos, filhos e registro já consolidados, os quais servem de exemplo e podem relatar a experiência o caminho para se chegar ao mesmo.

Pierre Lévy e André Lemos também definiram o termo comunidade virtual. Para Lévy (1999), as comunidades virtuais agem como um novo correio eletrônico mundial ao permitir a comunicação acelerada entre os membros da mesma. Ainda mais atual, André Lemos (2010), aborda as comunidades virtuais como grupos de pessoas que estão relacionadas por intermédio do ciberespaço. Este que permitindo a interconexão entre pessoas, promove a conexão entre agrupamentos de indivíduos ao redor de um mesmo tema, discussão, ideologia ou objetivo. Formando-se assim, uma comunidade virtual. Ao ultrapassar os limites de tempo e espaço, as comunidades virtuais agregam membros, de números variados, mas que possuem algum tipo de afinidade e fidelidade.

4. Conhecendo o estudo de caso

Usamos na construção metodológica desta pesquisa a observação indireta e de cunho bibliográfico, considerando as formas de acesso aos grupos possibilitados pela internet. Sendo assim, foram escolhidas duas comunidades virtuais que possuem discussões periódicas e ativa postagem e participação da maioria dos membros. A

³ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=229210>

⁴ <https://www.facebook.com/groups/474216155981677/?fref=ts>

comunidade (I), a qual apesar de estar presente no *Orkut* e no *Facebook*, a observação está centrada no Orkut, visto que a comunidade ainda possui maior participação nessa página. A segunda comunidade (II) escolhida para este trabalho foi o grupo virtual - comunidade (II) - do *Facebook*. Essa comunidade virtual reúne pais e mães homossexuais, os quais discutem temas relacionados à homoparentalidade e suas consequências e implicações.

A comunidade (I) possui cerca de 37 mil membros e foi criada em 2004 com o intuito de discutir, apoiar, informar e agregar todos os que estão envolvidos no tema da adoção de crianças e adolescentes, como informa o perfil da comunidade. A pesquisa de observação participativa nessa comunidade ocorre desde o mês de junho de 2012, ou seja, de um ano e um mês, pois foi finalizada em julho deste ano. Dentre o expressivo número de membros, a participação não é total, como na maioria das comunidades virtuais, entretanto os fóruns possuem postagens diárias e tópicos divididos por assunto⁵. Essa relação de organização é estabelecida pelos quatro moderados da comunidade, os quais gozam de respeito e cooperação dos demais membros para lidar com as questões organizacionais das postagens na comunidade. Os assuntos que mais são observados nos tópicos de discussão dentro da comunidade são temas relacionados à adoção nas suas mais variadas esferas, como; adoção tardia⁶⁷, adoção de grupo de irmãos⁸, adoção monoparental⁹, adoção não tardia¹⁰, apadrinhamento¹¹, adoção homoparental, habitação para adotar, espera pela adoção, abrigos, escolas, adoção de crianças com alguma deficiência e diversos relatos e histórias pessoais sobre algum caso de adoção específico.

Esse último ponto – relatos de adoções – aparece como os mais visualizados pelos membros, já que relatos de histórias de superação ajudam ou dão o apoio necessário a quem ainda está em fase de convivência, habilitação ou de vontade. Outro ponto importante na comunidade é o espaço para o cadastramento de crianças que estão prontas para serem adotadas¹². Onde há o preenchimento dos dados essenciais dessas crianças (sem citar os nomes ou colocar fotos), para que seja mais fácil o acesso de

⁵ <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=229210>

⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5873343746939205785>

⁷ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5913501700429212661>

⁸ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5870334452344303045>

⁹ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5815107168685979661>

¹⁰ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5803933983094790830>

¹¹ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5862690072006941358>

¹² <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5692734934767454890>

peças que estão na fila de espera para outros abrigos em regiões mais distantes na de sua habilitação e que, muitas vezes, não se encaixam no perfil que a maioria escolheu pra adotar. Levando até a instigar o adotante a procurar conhecer melhor a situação do país em relação às crianças que vivem em abrigo. Muitas delas com mais de seis anos de idade e de pele parda ou negra.

A quebra de barreiras geográficas possibilitadas no ciberespaço fica evidente nas diversas relações criadas dentro da comunidade (I), visto que, os membros estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Existindo relatos de adoções no exterior¹³ e no país, por brasileiros que vivem dentro e fora do Brasil. Essa modalidade de adoção (internacional) faz parte de um dos temas que possibilitam a comunhão temática dentro da comunidade. Não só interessados pela tema ou objetivo da adoção se reúnem para compartilhamentos, como também essa possibilidade pode ser ramificada para temas mais específicos, como o da adoção internacional, tardia, de bebês ou outras especificidades que o tema abrande. Desse modo, as trocas podem adquirir formas mais conscientes por incluírem pessoas das mais variadas origens, lugares e experiências. Não se pode negar a existência do enriquecimento social na troca de experiência entre os seres humanos, o que se quer verificar é essa eficiência e possibilidade dentro das comunidades virtuais.

A comunidade (I) apoia casais, homens e mulheres que estão envolvidos no tema da adoção através do laço de comunidade e pertencimento. As discussões a respeito do dia-a-dia com o novo filho ou sobre o filho que ainda está para chegar permeiam a maioria dos tópicos e postagens, existindo uma relação de afetividade e familiaridade entre os membros, de forma que, cada conquista individual é uma conquista coletiva e produz efeitos posteriores a cada nova leitura de um relato.

A comunidade (II) foi criada há cerca de seis meses e possui pouco mais de 170 membros, em sua maioria, ativos. A comunidade, que é destinada a famílias que possuem configuração diferente dos padrões “normais” da sociedade, em que consiste de pai, mãe e filhos, ou ainda de presença masculina, feminina e filhos ou sem eles. Dessa maneira, homossexuais, com filhos ou não, integram essa comunidade virtual.

No entanto, a maioria das discussões presentes na comunidade (I) dizem respeito à maternidade, relatando a expressiva maioria de mulheres participando nas discussões entre os membros. Cerca de 93% dos membros são mulheres. Dessa maioria feminina,

¹³ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=229210&tid=5682627550191260280>

um grande número possui filhos ou planeja tê-los, o que fez com que a comunidade assumisse o caráter de discussões a cerca da maternidade homoafetiva. Principal dado observado neste trabalho. Diante disso, as discussões, aconselhamentos, informações e demais postagens, em sua maioria, rodeiam o tema da maternidade e de como é a criação de crianças por duas mães, além de como a sociedade vem se comportando diante dessa nova estrutura familiar, os avanços e retrocessos.

Quando se fala em progressos e anacronismos, percebem-se os avanços em instituições escolares, jurídicas, empresarias ou de outra natureza quanto ao tema das novas constituições familiares. Em que duas mulheres ou dois homens podem constituir família com filhos com “quase” a mesma facilidade de um casal heterossexual. Avanços científicos e formas de reprodução são um dos assuntos mais recorrentes e discutidos na comunidade, em que cada membro que possui filho relata como foi o seu processo e apresenta sua família através de um vídeo ou fotografia. Essas informações são muito válidas, principalmente para os membros que não possuem tanta instrução sobre os avanços da ciência ou que ainda não se decidiram sobre qual método pode ser mais eficaz na hora de conceber um filho biológico. Ou ainda, discussões a cerca do tema da adoção, as quais se assemelham a comunidade (I), ao trazer o tema de forma esclarecida e em relatos pessoais.

A comunidade (II) traz discussões contemporâneas e cheias de informações dos mais variados assuntos, denotando o elevado grau de instrução de seus participantes, estes que estão, em maior parte, nas regiões sul e sudeste. Um dos principais temas discutidos nas postagens dentro do grupo são sobre a relação das crianças filhas de casais homossexuais com as outras crianças, filhas de relações heterossexuais. A indicação sobre escolas que lidam bem com o tema e a forma de abordagem com a direção da escola ou ainda o relato de preconceitos vividos tanto pelas mães como pelos filhos aparecem nos relatos, os quais orientam os pais e mães que ainda não matricularam seu filho ou estão atrás da escolinha “desprovida de preconceitos”, se é que ela existe. A respeito disso, algumas participantes da comunidade (II) relataram haver escolas que chegaram a abolir o dia das mães e dos pais do calendário anual, colocando no lugar o chamado “Dia da família”, este que pretende excluir do constrangimento as crianças, que de uma forma ou de outra, não possuem algum ente, seja o pai ou a mãe. Percebe-se que essa informação não é amplamente divulgada pelas mídias, sendo de relevante importância o acesso a esse tipo de informação, que fortalece ainda mais os laços afetivos dentro do grupo. Membros passam a se espelhar em

histórias de outros e a querer mudar a sua realidade social a partir da mudança relatada pelo outro, mas que ele ainda não percebe em sua realidade.

Esse fato é visualizado em ambas as comunidades em estudo e aparece como impulsionador de ações tanto de famílias homossexuais como de famílias com histórico de adoção, denotando a força das relações proporcionadas dentro de um ambiente virtual e como podem ser inúmeras as mudanças sociais possibilitadas através desse contato. Este que não seria permitido, nessa dimensão, sem as ferramentas da *web* que se dispõe nos dias de hoje. Outro fato relevante, é que ambas as comunidades possuem encontros presenciais nas cidades que possuem maior número de membros, o que se concentra mais no trecho Rio de Janeiro -São Paulo – Belo Horizonte. Encontros que costumam reunir os membros para a apresentação entre famílias ou indivíduos e que ocorrem com certa periodicidade.

5. As possibilidades e eficácias das discussões na Comunidade Virtual

Assim como caracterizou Fernando Ávila *apud* Primo (1997), as comunidades apresentam aproximação espacial, permitindo contato direto com seus membros, consciência – entre os membros – de interesse comum e a participação em uma mesma obra, como resultado daquela coesão interna. Diante dessa definição, e lembrando os conceitos anteriores de comunidades virtuais, é possível perceber as semelhanças que deram origem ao termo comunidade dentro do ciberespaço. Para isso, é necessário excluir a característica de um grupo que possui aproximação espacial, pois dentro da *web* há um encurtamento de distâncias e existe o encontro dentro de uma plataforma de membros dos mais variados lugares do mundo. No entanto, as características de aproximação, interesse e construção de uma obra muito se assemelham na definição dos teóricos a respeito das comunidades virtuais.

Alguns autores como Wark (1992), trazem o ciberespaço como uma válvula de escape para a mesmice do dia-a-dia e recriam o conceito anterior de comunidade de forma mais dinâmica e acessível. Já que, em geral, muitos dos grupos virtuais existem também fora da *web*. Entretanto, são nas comunidades virtuais que encontraram uma forma mais simples e eficaz de reunir mais membros e compartilhar mais facilmente e rapidamente os conteúdos. O que, fica visível através da página do *Orkut*, o qual mesmo não muito utilizado nos dias de hoje, possui grande eficácia no armazenamento de arquivos e na organização em tópicos destes. De forma que, se um membro se interessar em ter acesso às discussões passadas ou arquivos específicos, pode encontrar a

informação com facilidade, enquanto que no *Facebook* essa ferramenta não está disponível, apesar do site ter conseguido transferir a maioria das comunidades para sua página.

Outros exemplos percebidos são os interesses específicos que reúnem grupos e mais grupos dentro de sites de relacionamento como os já citados *Facebook* e *Orkut*, além de outros como *Filmow*, *Myspace*, *Linkedin* e etc. Nesses sites, vínculos são criados, interesses são compartilhados e ocorre o que chamaremos neste trabalho de “trocas experimentais” que ocorrem dentro da Comunidade Virtual. No estudo de caso da comunidade (I) do *Orkut*, percebe-se uma tendência em esclarecimento de dúvidas pelos membros mais antigos, existindo uma espécie de aconselhamento para as mais diversas dúvidas que surgem entre o grupo. Esses membros mais antigos também são responsáveis pela organização dos tópicos e pela aprovação de novos membros na comunidade.

Essas trocas experimentais são observadas nessa comunidade como relatos de experiência e convivência, já que, a maioria dos membros está interessada em conhecer como se dá a adoção na prática – para os que ainda não adotaram – e para os que já adotaram, o interesse está entre trocar experiências, dúvidas e contar histórias, que visam ajudar os que ainda não entraram de vez no processo de adoção, o que corrobora o conceito de comunidade virtual de André Lemos (2010), em que as comunidades virtuais possibilitam a coesão de pessoas com interesses semelhantes. Nesse caso, o interesse dos membros está relacionado ao tema da adoção - em adotar, conhecer o processo de adoção, ter um filho adotado, ou ainda, ter sido adotado.

A segunda comunidade (II), a qual traz o tema da maternidade homoafetiva como pauta principal, reúne cerca de 160 mulheres que, usando a página do *Facebook*, criam laços afetivos e introduzem seus pensamentos, experiências e ideias para a visualização de todo o grupo. A pesquisa nessa comunidade se deu entre os meses de maio a julho desse ano. Visto que a comunidade é recente, pela análise das postagens, pois o *Facebook* não indica exatamente a data de criação dos grupos. Dentro dos conceitos vistos, essa comunidade aparece, assim como a anterior, como um grupo ao redor do mesmo interesse, esse que desencadeia novos interesses e cria novos laços, dentro da comunidade virtual e fora da plataforma virtual, continuando dentro do virtual, já que, s. Sendo assim, se verifica grande número de abordagens relacionadas a histórias pessoais, as quais parecem incentivar os demais membros, principalmente aqueles que possuem como meta/objetivo algum elemento da história pessoal do outro

membro. Ao exemplo de uma família de mulheres que já se casaram no cartório civil e possuem um filho registrado pelas duas mães. Um *post* como esse pode originar comentários de dúvidas, felicitações ou aspirações, cabendo ao “dono” do *post*, esclarecer as dúvidas, ou outro membro que se ache capaz de responder ao questionamento também participar da discussão. O que muitas vezes ocorre com a junção de imagem e texto.

Essa troca de experiências seja nos membros da comunidade sobre adoção ou da comunidade da maternidade homoafetiva se dão através da possibilidade trazida pela comunicação pós-moderna, através das plataformas da *web* onde são originados esses vínculos. Sendo importante informar às possibilidades que essas discussões trazem para a vida particular de cada membro ativo da comunidade. Já que através do contato com o outro, o indivíduo se sente parte de um todo e conseguem vislumbrar nos outros membros exemplos a serem seguidos ou quando o membro quer ser exemplo para o grupo. Essas relações que possibilitam ações fora do ambiente virtual, como no exemplo da comunidade de adoção, em que membros relataram ter mudado o perfil de adoção após observarem, lerem, discutirem o tema da adoção tardia dentro da comunidade. “A adoção é considerada tardia quando a criança a ser adotada tiver mais de dois anos” (PILOTTI apud VARGAS, 1998). Para exemplificar melhor o conceito de adoção tardia, Vargas traz a caracterização social.

“Tais crianças foram abandonadas tardiamente pelas mães, que, por circunstâncias pessoais ou socioeconômicas, não puderam continuar se encarregando delas ou foram retiradas dos pais pelo poder judiciário, que os julgou incapazes de mantê-las em seu pátrio poder, ou, ainda, foram “esquecidas” pelo Estado desde muito pequenas em abrigos que, na realidade abrigam uma minoria de órfãos” (VARGAS, 1998).

Esses abrigos possuem a maioria das crianças com pais biológicos, estes que perderam ou podem perder o poder familiar sobre a criança, esta que ficará disponível para adoção. O que ressalta a importância da discussão do tema da adoção tardia por essas comunidades, já que, muitas vezes, o processo é demorado e as crianças acabam deixando de serem “bebês” dentro dos abrigos, resultando na diminuição acentuada de sua chance de ser adotada. O problema se agrava ainda mais quando a adoção é em grupo de irmãos. Tema este, também levantado na comunidade em questão e com abertura de tópicos relacionados ao cadastro do perfil dessas crianças, contendo idade,

quantidade de irmãos, cor, doença – se tiver -, sexo e localização do abrigo. Informações essas, que podem facilitar a visualização e discussão tanto da adoção tardia como da adoção de grupo de irmãos, entre outras questões relacionadas ao tema.

Essa relação dentro da comunidade estudada é possível graças ao relato de pessoas que passam por essa experiência e podem trazer e levar informações de suas casas no “ambiente real”, que é, na verdade atual, para dentro do “ambiente virtual”, possibilitando assim, trocas de experiências que acabam agindo dentro da sociedade e tocam em um grande problema hoje dentro do país, o do grande número de crianças com mais de seis anos dentro de abrigos, enquanto o número de pais na fila de espera é muito maior. O problema é que estes estão cadastrados com perfis que variam de zero a três anos e, na maioria, possuem preferência por crianças de pele clara.

Na outra comunidade em estudo, o exemplo de ultrapassar o virtual, mesmo ainda estando dentro dele, se relaciona na maioria dos casos às possibilidades jurídicas e sociais de registro de filhos, casamento, adoção por casais homossexuais, aceitação no ambiente escolar, plano de saúde e tudo que cerca a rotina diária de duas mulheres no comando de um lar, na maioria dos membros, com crianças.

Essas comunidades, em suas diferentes páginas, possuem semelhanças conceituais e práticas ao relacionarem o vínculo permitido por uma comunidade virtual e suas aplicações em relações reais que ultrapassam o próprio círculo da comunidade e atingem não a realidade, pois esta é também virtual, mas sim, outras comunidades. Levando, os conhecimentos adquiridos e discutidos para outras esferas do conhecimento e da realidade social, possibilitando a transformação social através dos laços primeiros da comunidade virtual de origem.

Outro aspecto visto nessas comunidades é a existência de maior comunicação, esta possibilitada pela internet, já que as postagens possuem a rapidez e dinamicidade do online, permitindo compartilhamentos em tempo real. A experiência deixa de ser momentaneamente presencial e passa a ser coletiva. Já que é possível dividir esses acontecimentos com os demais membros dos grupos e permitir a maior aproximação da vida íntima de cada participante, o que reforça a ideia de família que pode assumir uma comunidade virtual. Tudo isso originado por um interesse primeiro ao redor do mesmo tema, este que, a priori é geral, mas que se torna cada vez mais específico, na medida em que é discutido e compartilhado.

6. Considerações

Este trabalho, além de demonstrar em casos específicos as possibilidades de aprendizado através de discussões no ciberespaço, dá ênfase à importância de temas como adoção e maternidade homoafetiva. Considerando que os laços do ambiente virtual acabam transbordando para o mundo real, podemos compreender que a discussão analisada através das trocas simbólicas e ideológicas que correm nestes grupos vem corroborar a noção clássica de comunidade virtual, apresentada neste artigo, ajudando a sustentar a ideia de que ambientes virtuais são ferramentas que contribuem para a disseminação do conhecimento

Os argumentos principais encontrados na proposta deste artigo, dizem respeito à necessidade de entender como as discussões e laços virtuais permitem ações ao redor de algum tema. E as probabilidades dessas trocas mudarem aspectos sociais e, quem sabe, chegar a mudanças de pensamento da sociedade. Essas questões são as principais dentro desse estudo, uma vez que, essas comunidades em estudo são inovadoras nesses temas por trazerem uma participação constante e uma agregação comunicativa e afetiva entre os participantes.

Será que as informações, as experiências, os compartilhamentos em tempo real, as dúvidas, os medos, as alegrias e conquistas podem, um dia, chegar a modificar estruturas consolidadas na sociedade? O agrupamento de pessoas ao redor de um ideal, aceitação ou ideia pode modificar as estruturas consolidadas na história? Quando que o ciberespaço pode contribuir para isso? Essas e outras questões permeiam esse trabalho e dão margem para escritas futuras sobre o tema.

7. Referências

ANDRADE, Luiz Adolfo. **Jogos de Realidade Alternativa. Cibercultura, espaço e (trans)mídia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

_____ **A Galáxia de Lucas: sociabilidade e narrativa nos jogos eletrônicos**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das Comunidades Virtuais**. In: Intercom – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community**. 1993.

VARGAS, Marlizete Maldonado. **Adoção Tardia: da família sonhada à família possível**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

VIEIRA, Leandro Maurício. **Comunidades Virtuais: um estudo do caso nos cursos de pós-graduação do Navi/EA/UFRGS**. Porto Alegre, 2007.

WARK, McKenzie. **Cyberpunk from subculture to mainstream**. Manuscrito eletrônico, 1992.<http://www.Eff.org/pub/privacy/security/h...punk/cpunk_subculture_to_mainstream.paper>.